



Uma Reflexão Sobre o Enfrentamento dos Riscos e Impactos Culturais, Ambientais e Sociais em Âmbito Global: Culturalização e Democratização.¹

Telenia HILL²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A atuação globalizadora da cultura sobre a sociedade tem-se feito sentir, nos tempos modernos, implacavelmente, causando impactos e provocando riscos culturais, ambientais e sociais. Para refletir-se sobre este *status quo* recorreu-se, principalmente, a autores como Milton Santos e Antony Giddens. Milton Santos propõe “uma outra globalização” que se concentrará no estudo dos países mais desfavorecidos, desde a cultura até “a periferia do sistema capitalizado mundial”, tentando reverter o rumo do fenômeno da globalização. E a Antony Giddens, que em seu livro *The politics of climate change* (A política de mudança climática) afirma: “estamos no estágio inicial de descobrir o que seria o novo modelo de capitalismo responsável e global.” Prevê “uma conseqüência no debate sobre a grande recessão e os desafios da mudança climática.”

PALAVRAS-CHAVE: cultura, âmbito global, sociedade.

Em seu livro *A sociedade de consumo* (*La société de consommation*), Baudrillard focaliza as sociedades ocidentais contemporâneas, inclusive a dos Estados Unidos, do ponto de vista do consumo dos objetos e registra:

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio ambiente e sociedade, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Telenia Hill – Crítica e ensaísta, Mestra em Linguística e Doutora em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-doutora em Ciências Sociais – Paris V^{ème} Sorbonne. Professora-adjunta da Faculdade de Letras e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora titular da antiga Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE). Sócia efetiva do P.E.N. Club do Brasil, da União Brasileira dos Escritores. Membro da Academia Luso-Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Literatura.



“é preciso afirmar claramente, logo de início, que o consumo surge como motivo ativo de relação (não só com os objetos mas ainda com a coletividade e o mundo), como todo o nosso sistema cultural”.

Considerando miticamente o consumo, o autor percebe sua dupla face, a do discurso e a do anti-discurso: a que exalta a abundância e, paradoxalmente, é reforçada pelo anti-discurso. Esta segunda face se afigura não só no discurso intelectualista que desdenha os “valores primários” e as “satisfações materiais” mas na cultura de massas: “a publicidade parodia-se cada vez mais a si própria, integrando a contra-publicidade na respectiva técnica publicitária” (Baudrillard, 1981, p. 11).

Veiculando, pela mídia, uma ideologia de *marketing* altamente danosa para a América Latina, justifica-se o emprego do termo global. É compreensível que essa ideologia tenha-se difundido principalmente a partir dos Estados Unidos, do momento em que ela concorre para lhes fortalecer a hegemonia. É de interesse daquele país que se diga, por exemplo, que a Coca-Cola, a Disneylândia ou os hotéis da cadeia Hilton sejam empresas globais antes de serem norte-americanas, o que, nesse contexto, faz certo sentido. O que não se compreende, entretanto, é que o resto do mundo aceite tal impostura.

A ilusória especificidade do produto atende à demanda de um *marketing* global, que se realiza por meio dos *shopping centers* existentes em grande quantidade no mundo capitalista moderno. Constata-se nos dias de hoje uma vitalidade do capitalismo que se dissemina e atinge todo o globo, verticalizando a influência sobre o cotidiano das sociedades ocidental e ocidentalizada, e interiorizando-se na política, na cultura e no bem-estar social. Essa influência faz-se sentir também na educação, nas artes, nos meios de divulgação midiática, na saúde, na seguridade social, e até na polícia e nos serviços penitenciários.

Num passado não muito distante, em um ambiente de permanente mudança mas amparado, ainda, por certa estabilidade, o *eu* de cada indivíduo podia delinear-se efetivamente, movido pela capacidade de julgar e intervir racionalmente, tendo como meta o atingimento dos projetos de vida. Ao contrário desse *status quo*, constata-se, hoje, a condição de um “*eu* flutuante e à deriva”, gerado por uma dinâmica social contemporânea, que não oferece a mesma estabilidade. Apreende-se uma atmosfera de insegurança, em que se desfazem os vínculos desse *eu* com o território ou a localidade a



que pertence. Constata-se uma mobilidade nas finanças e no capital, que resulta em desemprego e enfraquecimento recorde das economias.

Com o fenômeno da globalização, a especialização flexível, ocasionando a reorganização produtiva e com a decadência das redes de assistência pública, a comunidade vai-se eximindo da responsabilidade que tinha para com os seus integrantes.

Dependendo da situação do local, a atuação globalizadora da cultura, com a ação coadjuvante da mídia, pode tornar-se uma força sobre a qual a sociedade não tenha controle, constituindo-se num campo fértil para os mais poderosos. É o que acontece, de maneira geral, nos países do chamado Terceiro Mundo, em que o êxodo rural, as migrações, a explosão demográfica, a pobreza e a marginalidade fazem com que eles se apresentem quase que completamente frágeis e impotentes diante da força de agentes político-sociais do dito Primeiro Mundo.

O Brasil e os demais países das Américas de economias periféricas, de acordo com o quadro atual da divisão internacional do trabalho, da renda e da riqueza, já têm reduzidos seus graus de liberdade na reestruturação de suas economias marginalizadas. Em vista disso, ainda estamos sofrendo o efeito de conseqüências nefastas em âmbito global.

A ênfase do livro *Por uma outra globalização* (São Paulo: Record, 2001), de Milton Santos, se centra na “convicção do papel da ideologia na produção, disseminação e manutenção da globalização atual”. Acusa-se, pois, a necessidade de analisar seus princípios fundamentais, apontando as linhas de fraqueza e de força” (2001, p. 14). Daí a importância de se refletir sobre as mudanças e criar condições para torná-las efetivas.

A “mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado, partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único” (Idem).

O papel do intelectual no mundo de hoje terá grande importância para o acompanhamento da evolução das idéias, em cuja força se acredita, para o *bem* e para o *mal*.



Faz-se mister concentrar-se no estudo dos países mais desfavorecidos, desde a cultura até a política, incluindo a “periferia do sistema capitalista mundial”, para que se possa aquilatar a latência de uma reversibilidade do fenômeno da globalização, mudando, talvez, o rumo da história universal.

Ao afirmar-se que se vive numa torre de Babel não se está exagerando. Vive-se num mundo em que, de um lado a *precisão* e a *intencionalidade* denunciam o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, e, de outro, a *velocidade* e outras vertigens, geradas pela aceleração contemporânea. Essas, entretanto, são características de um mundo físico fabricado pelo homem. Ao contrário de um mundo veraz, o que se impõe a este mesmo homem é um mundo ilusório, por meio do qual busca-se difundir um discurso único. Alicerçado no imaginário, este discurso é fundamentado em seu poder e na informação que têm origem na economização e na monetarização das vidas pessoal e social.

É importante, pois, que se acorde para a “existência de pelo menos três mundos num só: (...) tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; tal como ele é: a globalização como perversidade; o mundo como pode ser: uma outra globalização”

E, para movimentar os elementos essenciais à continuidade do sistema composto de fantasias que se quer impor, cria-se uma máquina ideológica montada com “peças” que interagem para o atingimento do objetivo.

Com respeito, por exemplo, à idéia de aldeia global de McLuhan, questiona-se se realmente a difusão instantânea das notícias abrange a totalidade dos indivíduos. Claro que se trata de um mito, e habitarão a aldeia global aqueles que, efetivamente, estiverem aptos economicamente. O encurtamento das distâncias, que gera o conceito de espaço e tempo contraídos, só será possível para os incluídos que têm condições de viajar. Também o conceito de homogeneização do planeta, que se realiza por meio de um mercado global, é altamente falho, do momento em que, em muitos casos, contribui para aprofundar e conscientizar as diversidades e marginalidades locais.

Contra a busca de uniformidade a serviço dos atores hegemônicos, coloca-se um mundo menos unido, ficando cada vez mais fora de alcance a realização autêntica de uma cidadania universal, estimulando-se, em contrapartida, o culto do consumo.

Ao invés da morte do Estado, assiste-se a uma necessidade premente de seu fortalecimento, para fazer frente às exigências das finanças e de outros grandes



interesses internacionais, deixando de lado a responsabilidade com as populações que, cada vez mais, têm condições piores de vida.

Está-se, portanto, diante de uma constatação que, ao invés de mostrar o atingimento do âmbito global como um *bem*, estaremos, em realidade, diante de uma ideologização maciça. “segundo a qual a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício de fabulações” (SANTOS, 2001), que se realizam, principalmente, por meio dos recursos da mídia televisiva, escrita e falada.

Para a maior parte da humanidade, o que está sob o âmbito global se impõe como uma fábrica de perversidades: o desemprego, a pobreza e a marginalização na sociedade aumentam. “O salário médio tende a baixar” e, de maneira geral, os salários cada vez mais se desvalorizam. As classes médias decaem em qualidade de vida. A fome e o desabrigo constituem-se em males do mundo. A AIDS se instala e mazelas antigas, como a tuberculose, retornam imprevisivelmente. Apesar de todo o progresso nas pesquisas científicas e na informática, aumenta o índice de mortalidade infantil, em alguns países, e a qualidade do ensino decai. A busca por condições materiais de vida se torna mais obsessiva, e a relação com o outro se revela cada vez mais falsa e decepcionante. Está-se no tempo do “salve-se quem puder” que resulta de uma ambiência de competição sem escrúpulos e que, em geral, confere vitória aos poderosos econômica ou politicamente.

Milton Santos projeta a construção de um outro mundo que dê possibilidade do surgimento de viver-se mais humanamente.

Recorrendo, entre outras coisas, à unicidade da técnica, à convergência dos momentos e ao conhecimento do planeta, bases materiais do período atual, desde que sirvam a outros fundamentos sociais e políticos, conseqüentemente, haverá uma mudança de objetivos. Segundo o autor, o fim do século XX estaria suscetível a essa transformação. Ele crê na emergência de uma nova história. E o que leva a isso é:

- o hibridismo dos povos, raças, culturas e gostos em todos os continentes;
- em vista dos progressos da informática, a “mistura de filosofias”, em prejuízo do racionalismo europeu;
- a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que facilita um inter-relacionamento mais estreito entre pessoas e filosofias, evidenciando a existência de uma verdadeira sociodiversidade;

– a emergência de uma cultura popular que se apossou dos meios técnicos, outrora privilégio da cultura de massas, e que hoje com ela compete.

Com respeito às bases da reconstrução e da sobrevivência das relações locais, aponta-se o fato de a população aglomerar-se em poucos pontos da superfície da Terra, porque abre a possibilidade do uso das técnicas atuais, que deverá estar a serviço dos homens.

Vislumbra-se, pois, a possibilidade de produção de um novo discurso, registrando-se a chamada universalidade empírica. Como o nome já expressa, esta universalidade empírica deverá resultar da experiência ordinária de cada homem, respeitando-se, entretanto, o tempo de cada um e de cada povo, ao invés de impor-se, globalmente, um mesmo grau de velocidade. Opondo-se à abstração, partir-se-á de uma história concreta. É justamente isso que irá permitir “conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história”.

Segundo um outro escritor, Anthony Giddens, sociólogo inglês e ex-reitor da London Economics School, autor de vários livros sobre este assunto, dentre eles *Mundo em descontrol*, publicado no Brasil em 2002 pela Record, e *A política de mudança climática* (*The politics of climate change*, publicado pela Polity Press em março de 2009), “há razões fortes e objetivas para se acreditar que estamos atravessando um período importante na transição histórica”. Como um fenômeno pluridimensional e inovador, a globalização põe em jogo um sem número de formas de risco que vão desde as envolvidas na economia eletrônica global até a vida quotidiana de cada um.

O mundo contemporâneo escapou aos moldes delineados pelos iluministas e por Marx, no sentido de que o homem, por meio de sua racionalidade, poderia mudar os rumos da história. A ciência e a tecnologia tornaram-se globalizadas e, muitas vezes, em sua escalada de progresso prestam desserviço à humanidade, caso da poluição ambiental, do efeito-estufa e do buraco de ozônio.

Conduzida pelo Ocidente, o âmbito global tem sua força na marcante influência do poder americano, político e econômico, com extrema desigualdade em suas conseqüências. Mas, numa decorrência de fatos em escala global, ela afeta também os Estados Unidos.

Paradoxalmente, o fenômeno global estimula a expansão da democracia e denuncia os limites das estruturas democráticas mais conhecidas. Faz-se mister, pois,



que o homem se conscientize do momento que vive, assumindo o controle de um mundo que, cada vez mais, perde sua legítima direção.

Com respeito a *A política de mudança climática (The politics of climate change)*, Giddens concedeu uma entrevista, de Londres, ao jornalista Pedro Dias Leite, no suplemento MAIS, da *Folha de São Paulo*, em 29.03.09, mais ou menos uma semana depois da publicação. Giddens é considerado um dos sociólogos mais influentes da atualidade. Ele afirma que “a crise financeira global vai redefinir radicalmente a sociedade em que vivemos, mas ainda depende muito de um fenômeno em cujas mãos ainda estamos – o mercado”. “Toda vez que uma decisão é tomada, as pessoas querem saber como os mercados vão reagir”. Giddens avalia que “estamos no estágio inicial de descobrir o que seria o novo modelo de capitalismo responsável e global, e prevê uma conseqüência no debate sobre a grande recessão e os desafios da mudança climática.” Giddens se refere, ainda, à necessidade de que o Estado assuma um papel forte com um planejamento de mais longo prazo para controlar mecanismos de mercado de maneira mais eficiente do que nos últimos 30 anos, pelo menos; e de mais inovações tecnológicas. O autor acrescenta, ainda, que os países ricos têm de arcar com 95% dos custos da luta contra o aquecimento global pelos próximos anos, pois “não é moralmente correto nem seria factível, na prática, impedir os países em desenvolvimento de se desenvolverem”. Em contrapartida, o sociólogo não aprova a “atitude passiva” dos países em desenvolvimento relativamente ao referido aquecimento, e crê que o Brasil deve liderar a mediação entre EEUU, China e União Européia.

Discordando, em parte, da política do movimento verde, ele afirma que, em princípio, dever-se-ia ter deixado a natureza em paz, “mas agora é tarde demais”, e será necessária maior intervenção na natureza. Para conviver com a mudança climática tem-se de ter ousadia, espírito inovador e o aproveitamento máximo do uso da tecnologia. É importante que a maioria da população mundial seja levada a compreender em que consiste a mudança climática. Uma sociedade que consuma um índice baixo de carbono, obrigatoriamente, terá de mudar seu comportamento como também a maneira de ver o mundo. Apesar disso, Giddens crê em que “o mundo que criamos é insustentável e sabemos que não podemos continuar como estamos”. Com referência à “conseqüência econômica e política” do que ele propõe, é imprescindível que os países

em desenvolvimento modifiquem suas rotas. Uma combinação entre competitividade e mudança tecnológica possibilitará a esses países pular algumas etapas para se desenvolverem.

Focalizando o caso do aumento do protecionismo, o entrevistador Pedro Dias Leite pede esclarecimento do termo “desglobalização”, usado por muitos teóricos. E Giddens parece não ter-se pronunciado a respeito, pelo menos, aparentemente. Limitou-se, apenas, a esclarecer que o termo globalização pode ser visto sob várias ópticas com múltiplas consequências. Uma das mais fortes e irreversível é a “revolução das comunicações” que se constitui como “uma das maiores forças da globalização”. Agrade ou não, o mundo se integrará cada vez mais pelos avanços da tecnologia. E a globalização neste aspecto é um fato. Com relação ao protecionismo, Giddens afirma que é natural que ocorra num momento de recessão, mas, pelo que conhece de economia, nenhum país que se isolou do mercado global conseguiu “prosperar”.

No que toca ao encontro do G 20, que naquele momento ainda iria ocorrer, embora ele ache que o acordo entre os países seja “de fachada”, torna-se necessário que este seja apresentado, porque há premência de tranquilizar o público e o mercado.

Sobre os riscos sofridos pela mudança climática, ele afirma que há “várias formas de medição destes riscos feitas pelos cientistas”. De maneira geral concordam com a hipótese de que “a mudança climática é mais iminente e mais perigosa” do que se pensava, mas não ficou claro o que se deverá fazer para responder a isso.

Declarando ter passado os dois últimos anos estudando esse tema, Giddens diz que ainda “existem muitas divergências na comunidade científica sobre quão iminentes essas coisas são”. Para o Brasil, por exemplo, segundo ele, com algumas condições climáticas violentas, que se façam “estudos de vulnerabilidade”, a fim de encontrar “meios de convergência para procedimentos” de adaptação, no caso de “mudanças significativas no clima”. Que se pense em meios de proteção contra enchentes, procurando, ao mesmo tempo, melhorar práticas de agricultura.

Apesar da desenvolvida educação formal, nesse tema, os estudiosos ainda não conseguiram encontrar um caminho esclarecedor. Sabe-se, no entanto, que, uma vez que as emissões de gases sejam lançadas na atmosfera, ignora-se como retirá-las, e “os principais gases do efeito-estufa poderão permanecer por 400 anos”. Alguns cientistas já tiveram sucesso em retirar os gases da atmosfera, mas em pequena escala.



Para revestir esta situação crítica de um certo otimismo, ele acrescenta: “Quem sabe o mundo possa ter um mecanismo de adaptação sozinho. Talvez a própria natureza produza uma solução.

Em realidade, sofre-se neste século XXI, as conseqüências da ambição e da falha humanas. Entretanto, procurando reconhecer o trabalho de uma minoria que ainda tem esperança de tornar este mundo melhor, vai-se focalizar o que se poderia denominar o exercício da culturalização e da democratização.

Embora o termo *culturalização* ainda não esteja dicionarizado, ele é empregado em várias áreas do conhecimento, que vão das Letras às Artes Plásticas, da Propaganda à Economia.

Sabrina Moura Aragão focaliza as traduções feitas da série francesa Astérix para o português. Segundo a pesquisadora, para que a história tenha sentido em português, torna-se necessário que seja submetida a um processo de *culturalização*, ou, seja, ao “estabelecimento de relações que demandam uma série de elementos culturais compartilhados por uma determinada sociedade na construção de sentidos, de modo a possibilitar a comunicação entre os falantes desse ambiente sócio-cultural específico”.

Vera Beatriz Siqueira, em “Crítica e cultura nas obras de Volpi, Dacosta e Pancetti”, propõe uma linha de pesquisa que tem como foco “o processo de *culturalização* da arte moderna e contemporânea brasileira e suas conseqüências institucionais e poéticas”. Optou por tratar da revisão crítica de alguns dos valores plásticos modernos brasileiros com especial destaque para as obras desses pintores, no sentido de perceber como o ambiente cultural interferiu na formulação de suas poéticas e de que maneira esses artistas de uma segunda geração modernista ainda permaneceram (ou não) abertos ao questionamento artístico contemporâneo ou à dinâmica do mercado de arte.

Segundo Vinícius Lages, gerente da Unidade de Atendimento Coletivo, Comércio e Serviços do Sebrae Nacional,

a cultura, ou a produção de bens culturais, vem sendo crescentemente considerada no campo da economia, quer em sua vertente *economia da cultura* quer na vertente *culturalização da economia*.

A *economia da cultura* refere-se “ao estudo econômico da produção de bens culturais incorporando também a chamada economia criativa.” Já a *culturalização da*



economia refere-se “à agregação de valor que a cultura, enquanto conjunto dos sistemas simbólicos, confere aos negócios ou às atividades econômicas.” Focaliza-se, em essência, “como a cultura, tanto em sua base material quanto imaterial, oferece as estratégias de inovação, gestão, *marketing*, *design* conceitos e formatos de negócios.”

Para Coutinho (2007), o processo de culturalização se flagra na mídia e nos supermercados, onde são exibidos produtos cujas embalagens mostram elementos estéticos da cultura. Até indicações geográficas de um produto conduzem ao ambiente de origem. A diversidade cultural passa a ser elemento de interesse do mercado. Torna-se necessário, entretanto, que a economia funcione para preservá-la.

O termo democracia sofre um excesso de significados. A democracia não é, apenas, uma maneira de ser das instituições, é talvez, ainda mais uma exigência moral. A história tem mostrado que a democracia se constitui como uma etapa do contínuo movimento democrático suscitado pelos homens. Ela é um valor que se caracteriza como a inalienável tendência humana de assumir seu destino, do ponto de vista individual ou coletivo, constituinte da unidade profunda que integra as diferentes concepções de democracia.

Procurando dar ênfase à democratização cultural, segundo Hamilton Faria, o permanente processo de culturalização que se flagra no mundo contemporâneo,

se dá por múltiplos motivos: a globalização, que possibilita traços interculturais entre regiões e países; a defesa da diversidade cultural em cenários com tendência à homogeneização; o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação e das indústrias criativas; e, finalmente, a crise de paradigmas que traz para o horizonte a redefinição de valores, sentidos, comportamentos e hábitos, lugares por excelência do desenvolvimento cultural.

Nesse contexto, registram-se outros atores que requerem “possibilidades e oportunidades culturais” estimulando a integração e a criação de novos modos de vida. Citem-se, por exemplo, os “jovens dos bairros das metrópoles e os movimentos socioculturais”, que passam a se constituir como elementos decisivos na participação democrática.

Pode-se afirmar que se assiste, ainda, a um processo incipiente de democratização, dada a sua complexidade. A inclusão cultural não se define, apenas, pela participação dos indivíduos no processo, mas pela presença de sujeitos, com

propostas e ações que partem de suas reivindicações, dinâmicas e necessidades, diversidades e processos identitários.

Ainda segundo o pesquisador Hamilton Faria, “a cidadania cultural não se refere apenas aos lugares e fazeres institucionais já existentes, mas à inserção permanente de novos lugares e significados culturais.”

Embora os métodos de democratização possam ser diferentes, na política e nas diversas áreas do conhecimento, o que os identifica é a esperança dos homens de, por meio deles, passarem a ter uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Sabrina Moura. **Questões culturais na tradução de histórias em quadrinhos**. Mini-Enapol, FFLCH-USP, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation**. Paris: Editions Planète, 1981.
_____. *apud*. **Encyclopaedia Universalis**. Paris: Encyclopaedia Britannica (France) Ltd., 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

COUTINHO, D. *et al.* **Termo de referência para atuação do Sistema SEBRAE na cultura e entretenimento**. Brasília: SEBRAE, 2007.

Enciclopaedia Universalis, Corpus 5. Démocratie. Paris: Enciclopaedia Universalis France, 1988.

FARIA, Hamilton. **A democratização cultural pede passagem**. <http://blogacesso.com.br/?p=5>.

FEATHERSTONE, Mike et alii. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Trad. de Attilio Brunetta. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolo – o que a globalização está fazendo de nós**. Trad. de Maria Luíza X. de A. Borges: 2ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

_____. **Entrevista** a Pedro Dias Leite. Suplemento MAIS: Folha de São Paulo, 29.03.2009.

HARVEY, P. **The conditions of Postmodernity: na inquiry into the origins of cultural change**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós industrial a pós-moderna.** Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAGES, Vinícius. **Cultura nas ações no SEBRAE: desafios para os pequenos negócios.** Disponível em: <http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/file/cultura>. Acessado em: 12/07/2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Crítica e cultura nas obras de Volpi, Dacosta e Pancetti.** II Encontro de História da Arte, 2006.

SOROS, George. **Por uma sociedade global aberta.** Rev. Veja, São Paulo: Abril, 24.12.97. Ano 30, nº 51.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna.** Trad. Instituto de Psicologia CUPRS. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

TOURAINÉ, Alain. **O canto de sereia da globalização.** Suplemento MAIS: Folha de São Paulo, 14.07.96.